

Folha de S.Paulo

20/02/2005

São Paulo/ SAÚDE

Vitamina B9 evita defeito neural em feto

Terapia para a mulher, que é recomendada pela Organização Mundial da Saúde, ainda sofre resistência da classe médica

CLÁUDIA COLLUCCI
DA REPORTAGEM LOCAL

Toda mulher que deseje engravidar deve usar ácido fólico antes e durante a gestação para diminuir os riscos de ter um filho com defeitos do tubo neural (DTNs). A recomendação é da **OMS (Organização Mundial da Saúde)** e da Febrasgo (federação que reúne as sociedades de ginecologia e obstetrícia do país), mas nem sempre é seguida pelos médicos.

No Brasil, pesquisas indicam que uma a cada 800 crianças nascem com os DTNs. Os mais comuns são anencefalia (sem cérebro), que leva o bebê à morte poucas horas após o nascimento, e a espinha bifida (aberta), que causa paralisia e perda do controle das funções do intestino e da bexiga.

A despeito de vários estudos internacionais demonstrarem que o ácido fólico (vitamina B9), também conhecido por folato, reduz em até 80% os riscos de o bebê apresentar esses problemas, muitos profissionais entendem que uma mulher saudável não necessita da suplementação vitamínica e deixam de orientar suas pacientes sobre isso.

Exemplo dessa desinformação é uma pesquisa feita no ano passado pelo hospital estadual Mário Covas, ligado à Faculdade de Medicina do ABC, em Santo André. Cem grávidas foram entrevistadas aleatoriamente e, quando questionadas sobre a utilização do ácido fólico, 91 disseram que não haviam tomado a folato.

As outras nove gestantes relataram que a ingestão da vitamina ocorrera depois de dois meses da concepção, quando o folato já não é mais eficaz para a prevenção dos defeitos do tubo neural.

O diretor clínico do hospital, Milton Borreli, afirma que as grávidas entrevistadas relataram desconhecimento ou gravidez inesperada como justificativa para o não uso do ácido fólico. A medicação é distribuída na rede SUS.

Para o presidente da Febrasgo, Edmundo Chada Baracat, independentemente das convicções pessoais, os ginecologistas e obstetras precisam orientar suas pacientes sobre a importância do ácido fólico e prescrevê-lo assim que a mulher interromper os métodos contraceptivos.

A **Organização Mundial da Saúde** preconiza dose mínima diária de 0,4 mg de ácido fólico para o fechamento de tubo neural. Segundo o professor da USP Victor Bunduki, responsável pelo setor de medicina fetal do Hospital das Clínicas de São Paulo, é arriscado tomar o folato só após o resultado do teste de gravidez. "Corre-se o risco de o defeito no tubo neural já estar instalado", explica.

Bunduki afirma que o ideal é que a mulher continue com a vitamina até o terceiro mês de gestação. Porém, ele lembra que 20% dos casos estão associados a fatores genéticos, situações em que não é possível a prevenção.

O ácido fólico é uma vitamina que pode ser encontrada em muitos alimentos, mas estudos demonstram que a ingestão dela apenas na dieta alimentar pode não reduzir os riscos de defeitos.

Desde o ano passado, por determinação da Anvisa (Agência Nacional de ***Vigilância Sanitária***), as farinhas de trigo e de milho também contêm o folato. Ainda assim, por precaução, os médicos recomendam a suplementação da vitamina para mulheres que pretendem engravidar.

No mercado, ela é vendida em doses de 2 mg e 5 mg. De acordo com o gastroenterologista Dan Waitzberg, professor da Faculdade de Medicina da USP, por se tratar de uma vitamina hidrossolúvel, o excesso de ácido fólico é eliminado pela urina. Mesmo em altas doses, não há estudos que demonstrem efeitos tóxicos à mulher ou ao bebê.

Ele alerta, porém, que as mulheres precisam ter cuidado com os complexos multivitamínicos usados durante a gestação e só usá-los com orientação médica. "A superdosagem de vitamina A, por exemplo, pode causar malformações fetais", diz.

A produtora Carin Kulb, 33, tomou ácido fólico antes e durante a gravidez dos dois filhos. A partir do 3º mês de gestação, fez uso dos complexos vitamínicos por indicação da ginecologista. "Nunca descuidei. É um risco que não dá para correr", afirma.

O folato também pode ser útil na prevenção de má-formações do trato geniturinário, problemas cardíacos e síndrome de Down.

Risco de síndrome de Down também cai

DA REPORTAGEM LOCAL

Uma pesquisa da Unicamp demonstrou que o ácido fólico também pode reduzir o risco de bebês nascerem com síndrome de Down. O estudo avaliou o comportamento da enzima metilenotetrahidrofolato redutase, responsável pela metabolização do ácido fólico no organismo humano.

As mutações no gene da enzima resultam em menor atividade funcional e reduzem a quantidade de ácido fólico disponível para a duplicação celular.

A pesquisa foi idealizada pelo Departamento de Genética Médica da Faculdade de Ciências Médicas e realizada em conjunto com o Caism (Centro de Atenção Integral à ***Saúde*** da Mulher).

O estudo envolveu um grupo de 88 mães que tiveram seus filhos normais e sem histórico de abortos e outro composto de 70 mulheres em que os bebês nasceram com a síndrome.

O grupo das mães de portadores da anomalia possui proporção maior de mulheres com mutações enzimáticas, se comparado às mulheres com filhos normais. Houve a constatação de que as portadoras das mutações têm nove vezes mais chances de ter filhos com a síndrome por produzirem menor quantidade de folato.

O déficit da vitamina interfere na produção do DNA, que, ao ser duplicado no processo de divisão celular, não é distribuído de modo igualitário entre as diversas células filhas.

Dessa forma, a separação dos cromossomos nas primeiras divisões celulares do embrião ocorre de forma inadequada, levando uma célula a permanecer com um

cromossomo 21 extra e outra célula com menos um desse par cromossômico. O embrião que fica com o cromossomo excedente resultará numa criança com síndrome de Down.

A trissomia do cromossomo 21, um distúrbio que ocorre em 1 a cada 800 nascimentos, é provocado por um cromossomo extra no par número 21. A incidência da síndrome de Down em mulheres aumenta com a idade.

Aos 35 anos, 1 em cada 250 mulheres tem chance de gerar bebês com a trissomia do cromossomo 21. Acima dos 40 anos a proporção aumenta para 1 entre 50 mulheres e, aos 45, as chances são de 1 em cada 25. (CC)

Hospital faz campanha para grávidas a respeito da necessidade da vitamina

DA REPORTAGEM LOCAL

O hospital estadual Mario Covas, de Santo André (ABC paulista), começa neste mês um programa de prevenção às malformações de bebês em Rio Grande da Serra, município paulista que detém uma das mais altas taxas de mortalidade infantil (18,2 mortes a cada mil bebês nascidos vivos).

O objetivo é disseminar informações sobre a importância do uso do ácido fólico em todos os locais onde haja circulação de mulheres, como igrejas, escolas e postos de saúde.

De acordo com Milton Borreli, diretor clínico do hospital, o programa quer atingir as mulheres sexualmente ativas da cidade, cerca de 11 mil.

"Como existe muita gravidez indesejada, o ideal é que as mulheres que não estejam evitando filhos usem o ácido fólico", afirma o diretor.

Ainda não há dados sobre a incidência dos defeitos do tubo neural no município. Mas existem planos de mapear essa incidência e depois verificar se a campanha de incentivo ao uso do folato reduzirá o percentual de crianças nascidas com o problema.

Outro estudo feito pelo hospital em Santo André verificou que, no ano passado, 13 de um total de 6.887 crianças nascidas apresentavam defeitos do tubo neural. Quando entrevistadas, as mães alegaram desconhecimento ou o fato de não terem planejado a gravidez para justificar a não-utilização do folato.

Milton Borreli afirma que o folato também é importante na prevenção do lábio leporino, uma má-formação da boca que afeta uma a cada mil crianças nascidas.

De acordo com o médico, Victor Bunduki, especialista em medicina fetal, seria necessário utilizar uma alta dose da vitamina (pelo menos 6 miligramas diários) para prevenir a ocorrência do lábio leporino. (CC)